



Clèmerson Merlin Clève
Presidente do UniBrasil e idealizador do Projeto UniBrasil Futuro.



UNIBRASIL FUTURO



O projeto tem como objetivo a manutenção de um canal permanente de divulgação e discussão de ideias, ou seja, pensar o Brasil que queremos para nós, para nossos alunos, para nossos filhos, para a comunidade.

Penso, logo ensino

AUTOR

Gabriel Perissé - Professor da PUCRS, doutor em Filosofia da Educação (USP), doutor em Teologia (PUCRS), mestre em Teologia (PUCRS), mestre em Literatura Brasileira (USP). Com pós-doutorado em Filosofia e História da Educação (Unicamp). É autor de mais de 25 livros, tradutor de diversas obras de autores consagrados.

Além de pensarmos a respeito do que nos rodeia, somos capazes de pensar sobre o nosso próprio pensamento.

Uma sensação única. Uma sensação que ninguém pode emprestar a ninguém. Tal experiência é a chamada “experiência reflexiva”.

Pensativos diante dos pensamentos que brotam dentro de nós, somos convidados por nossa própria mente a fazer exercícios combinados com a imaginação, a memória e a sensibilidade. E, claro, com a linguagem.

Uma das nossas maiores surpresas nesse tipo de exercício é perceber que a nossa mente nem sempre se comporta de maneira lógica, racional e previsível. Nossa reflexão reflete essa nossa condição. Somos seres racionais, mas ao mesmo tempo somos seres sonhadores, temos intuições incríveis e corremos o risco do autoengano, as ideias fixas podem nos paralisar e solucionamos problemas intrincados, inventamos histórias fantásticas e acreditamos em coisas impossíveis de provar, defendemos ideias contraditórias, inventamos piadas, e conferimos novos sentidos a antigos significados...

Em suma, não é fácil entender o zigue-zague da mente humana, por mais inteligentes que sejamos!

Toda essa riqueza mental entra em jogo na dinâmica do ensino-aprendizado.

Como especialistas também na arte de pensar, nós, professores, reconhecemos diariamente essa riqueza, seja no comportamento dos nossos alunos, seja em nós mesmos, atuando como docentes.

Leitura e pensamento

Ler é pensar.

Pensar é ler.

Inteligir é ler. A etimologia ensina: intus + legere = “ler por dentro”, “ler intimamente”.

O exercício do pensamento durante a leitura e durante a releitura é insubstituível. Os robôs não podem ler, apenas decifrar. Os robôs não podem reivindicar, apenas criticar. Os robôs fazem poesia sem equívocos e sem maldade. Se não soubermos pensar e ler a realidade... teremos receio da inteligência artificial.

Há quem se apavore com a digitalização integral do mundo. Os aplicativos se multiplicam em nossas telas. As máquinas simulam possuir as capacidades cognitivas dos seres humanos que nós, seres humanos, construímos graças às nossas capacidades cognitivas...

Ficamos impressionados com os maravilhosos filmes distópicos que nossos cineastas criam para a humanidade se impressionar. Documentários com descrições depressivas a respeito do tempo presente são produzidos por documentaristas que se alimentam de descrições aterradoras sobre o tempo futuro.

Se fizermos boas leituras da realidade do passado e do presente, a realidade ameaçadora da tecnologia futura, de uma tecnologia absoluta, não será tão ameaçadora assim. Porque não será tão absoluta assim a tecnologia.

Pensando bem, o nosso problema não está em sermos empurrados a viver coisas cuja relevância esteja definida de antemão. O problema reside em tomar consciência de que somos nós quem iremos determinar o que é relevante. Nesse momento, cabe pensar sobre a arte de ensinar a arte de pensar.



A mente sabe mentar

Precisamos desenvolver ao máximo a nossa inteligência docente. Esse desenvolvimento, como alertavam dois grandes pedagogos, Célestin e Élise Freinet, não se dá simplesmente mantendo o nariz enfiado nas páginas de um livro, mesmo que seja um excelente livro. Tampouco se trata de concordar com tudo o que esteja escrito, tenha sido escrito por quem for.

Em nosso idioma, existe um verbo não muito usado, mas que neste contexto faz todo sentido: o verbo “mentar”. Mentar é trazer à mente, recordar coisas, relembrar-se. A memória é imprescindível para uma boa atividade mental. Graças a ela, conseguimos unir o que aprendemos no passado com o que estamos aprendendo no presente. Nada a ver com a famigerada “decoreba”. A memória nos oferece um “estoque” constante de matéria-prima para novas combinações de conceitos e ideias.

A memória está associada à eternidade. O pensamento teológico antigo relacionava a memória humana à ideia do Deus que tudo sabe e tudo lembra. Deus não esquece de nada. Mesmo que tenhamos esquecido algo... esse algo continua vivo em nós.

Por isso é importante ter (e reter) experiências memoráveis. Na escola, na universidade, no ambiente de trabalho... experiências marcantes, de preferência positivas, nos ensinam como viver. Certa vez, uma professora universitária começou sua aula escrevendo no quadro o nome de um filósofo. Jamais esquecerei: José Ortega y Gasset. Aquele “y” me deixou intrigado. Era a primeira

vez que lia um nome como aquele. Eu tinha 18 anos de idade. Jamais esquecerei... ainda que às vezes eu pense que estou reinventando o que de fato aconteceu. A professora teria dito: “você ainda me ouvirão falar bastante a respeito deste pensador”. Isso aconteceu no mês de março de 1981.

Como poderia contar aos leitores agora como tem sido minha convivência com Ortega y Gasset nas últimas quatro décadas? Tenho conversado com ele... aprendido com ele... E ele me apresentou dois discípulos, Julián Marías e María Zambrano. E estes me trouxeram novas experiências, para além da leitura. Porque com eles aprendi, por exemplo, que felicidade é uma preferência, e que existe o conceito do “impossível necessário”, e que um professor ensina o aluno a pensar pensando diante dele, e que educar será antes de mais nada apresentar algumas possibilidades para quem começa a viver num caminho responsável através do tempo.

A mente docente

Outro significado para “mentar” está ligado à nossa capacidade de imaginar. A imaginação dá corpo às nossas abstrações. O papel da imaginação na dinâmica cognitiva assusta aqueles que querem um pensamento mais linear, mais “bem-comportado”. No passado, a imaginação era chamada a “louca da casa”. A escritora e jornalista espanhola Rosa Montero, que escreveu um livro com esse título, mostra que essa “louca” não é perigosa. A vida infantil é, em boa parte, imaginária. As pessoas imaginativas, negando-se a envelhecer, mantêm viva essa virtude da infância.

Pessoas imaginativas concentram sua atenção de modo especial. A filósofa Zambrano nos diz, em seu livro *Filosofía y Educación*: “O exercício da atenção é a base de toda atividade e, de certo modo, a própria vida que se manifesta. Não prestar atenção é não viver. Mas trata-se de um exercício complexo, que requer uma educação que envolve todo o organismo de um ser humano e não somente a sua mente e os sentidos”.

A imaginação nos transporta inteiramente para áreas do conhecimento que requerem dedicação. Professores imaginativos se entregam às suas aulas de corpo e alma.

Na frase “mentar um plano”, descobrimos um terceiro significado para esse verbo. Mentar é planejar, projetar, arquitetar. Quanto ao que devemos fazer amanhã, quanto aos compromissos assumidos em nossa agenda, nossa mente rapidamente tenta organizar o futuro, definir horários, escolher estratégias, antever dificuldades, oferecer alternativas.

Mentar relaciona-se, por fim, com a palavra “ementa”, que é frequente nos meios educacionais e acadêmicos. Criar uma ementa é apresentar com clareza aquilo que está em nossa mente e que pretendemos ensinar.

No divertido (e muitas vezes ferino) *Dicionário das Ideias Feitas em Educação*, organizado pelos professores Julio Groppa Aquino e Sandra Mara Corazza, “ementa” é definida como “contrato em letras minúsculas que alguém escreveu e que ninguém leu”. Definição nem de todo verdadeira... nem de todo falsa...

A ementa, de fato, é um contrato. Um acordo entre professores e alunos, que deve ser lido, mesmo que as letras sejam minúsculas. A ementa é o temário criado para o diálogo entre a mente que ensina e a mente que aprende.

A mente humana tem um valor imensurável.

E a mente docente sabe disso!

O impossível necessário

O que há de mais desejado na vida é possível mentar, mas impossível alcançar. Desejamos a felicidade, o amor, o conhecimento, a paz, a concórdia entre todos, a justiça. E tudo isso é impossível. E ao mesmo tempo, como ensina Julián Mariás, é o impossível necessário.

Pensar com o máximo de clareza é impossível. Mas é necessário. Descobrir a verdade e aderir à verdade... é impossível. Mas é necessário.

Ensinar com o máximo de eficácia é impossível. Mas é necessário.

É impossível ser original, ser o primeiro a dizer algo novo, porque o novo é tão antigo e nada há de novo. A própria noção de “impossível necessário”, que Julián Mariás pensou, talvez, que era algo novo... já fora mentada por um pensador do século XV, Nicolau de Cusa, um dos primeiros filósofos do humanismo renascentista. Numa passagem do livro *A visão de Deus*, escreve ele que a coincidência dos contraditórios e opostos está para além do nosso pensamento. Contradições como estas: “a treva é luz”, “a ignorância é ciência”, “o impossível é necessário”.

E por que não dizer, para finalizar, que o fim do pensamento é o infinito?